



Comunicação para a cidadania: reflexões sobre a oficina de Jornal Impresso¹

Laila Cupertino Hallack² - Graduanda em Comunicação Social pela UFJF

Ludyane Chaves Agostini³ - Graduanda em Comunicação Social pela UFJF

Resumo:

Através dos pressupostos de Paulo Freire e Mario Kaplún pretende-se debater o papel do Educomunicador enquanto agente de transformação social. Para isso, apresentamos o projeto “Comunicação para a Cidadania: tecnologias, identidade e ação comunitária” desenvolvido pela Faculdade de Comunicação Social da Universidade Federal de Juiz de Fora, em que adolescentes da rede pública de ensino da cidade participam de oficinas de diferentes áreas, como TV, rádio e jornal, praticando a leitura crítica dos meios. Esse trabalho analisa em especial as atividades das oficinas de jornal. Buscamos através dessas reflexões, contribuir para a democratização da comunicação e da sociedade, bem como expandir a prática da Educomunicação em interface com a pesquisa.

Palavras-chave: cidadania; educomunicação; jornal; leitura crítica.

Introdução

A educação brasileira vem ganhando espaço no cenário político nos últimos anos. É possível, inclusive, perceber uma queda no número de analfabetos. O problema maior é que, muitas vezes, esses índices medem de maneira superficial a capacidade que os novos alfabetizados têm de analisar e entender de forma crítica as informações que recebem, principalmente, da mídia massiva. O método educativo utilizado em grande parte das escolas brasileiras ainda consiste no modelo denominado, pelo educador brasileiro Paulo Freire (1981), como *educação bancária*, no qual os alunos são como potes vazios que recebem um conteúdo e o reproduzem sem criticá-lo.

Com o intuito de mudar essa realidade de opressão de muitas escolas no Brasil hoje e atrelado a isso, formar cidadãs e cidadãos mais conscientes do meio no qual estão inseridos, o projeto “Comunicação para a cidadania: tecnologias, identidade e ação comunitária”, idealizado e realizado por professores e alunos da Faculdade de Comunicação Social da Universidade Federal de Juiz de Fora, busca contribuir para o

¹ Trabalho apresentado no DT Comunicação, Espaço e Cidadania, V Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Graduanda em Comunicação Social pela UFJF. Bolsista BIC – UFJF. lailahallack@yahoo.com.br

³ Graduanda em Comunicação Social pela UFJF. Bolsista de Extensão – UFJF. lca_ufjf@yahoo.com.br



desenvolvimento do senso crítico das atendidas e atendidos sob a luz de uma educação problematizadora que seja capaz de mostrar as possibilidades de transformação social.

O projeto surgiu através de discussões entre os integrantes do grupo de pesquisa “Comunicação, identidade e cidadania” e do mestrado da Facom/UFJF. A universidade, que é pólo acadêmico e cultural de uma região de 2,5 milhões de habitantes no sudeste do estado de Minas Gerais, além das atividades de graduação, pós-graduação e pesquisa desenvolve projetos de extensão, incluindo os de apoio à infância, terceira idade e à juventude. Entre eles, está o UFJF: Território de Oportunidades⁴, projeto anterior ao Comunicação para a Cidadania que serviu como base para o desenvolvimento deste.

O Comunicação para a Cidadania conta com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig) e com o envolvimento das faculdades de Comunicação e Serviço Social da UFJF, a partir do Pólo de Proteção à Família, Infância e Juventude. As atividades acontecem na Casa de Cultura da universidade. Além do grupo de pesquisa e do mestrado também participa do projeto o Programa de Educação Tutorial (PET) da Facom.

O projeto está exclusivamente voltado para o estudo dos meios de comunicação e busca mudar a realidade desses jovens quanto ao senso crítico e à participação democrática na sociedade. Através das teorias de Paulo Freire e Mario Kaplún sobre a Educomunicação, os professores e graduandos, integrantes do projeto, ministram as oficinas de jornal, rádio, TV, novas tecnologias, sócio-educativo, política, cinema e teatro, que possuem parte teórica e prática. Buscamos a partir do aprendizado e da compreensão do processo de produção, edição e veiculação de notícias mudar a realidade de opressão em que vivem esses (as) adolescentes.

Este ano foi feito um levantamento nos bairros São Pedro e Dom Bosco, região oeste e sul respectivamente de Juiz de Fora, e foram selecionados 30 jovens desses bairros, com idade entre 16 e 19 anos, divididos em duas turmas de 15. Este trabalho faz uma apresentação exclusiva das oficinas de impresso que começaram em junho e se estendem até dezembro. Diante de experiências com a turma anterior que participou do mesmo projeto em 2008, propomos uma discussão sobre o planejamento das oficinas e do verdadeiro papel do Educomunicador enquanto agente de uma educação

⁴ UFJF: Território de Oportunidades, do qual é parte o projeto Jornal e Rádio, foi um projeto de extensão que atuou entre os anos de 2005 e 2008, trabalhando com jovens da periferia de Juiz de Fora. O Programa reunia docentes e alunos da graduação em Comunicação, Serviço Social (que o coordenava), Letras, Educação Física e outras Unidades da UFJF, que atendiam adolescentes das classes populares, no desenvolvimento de atividades de extensão no Campus.



problematicadora capaz de modificar a realidade de opressão em que vivem os educandos.

Paulo Freire e Mario Kaplún: a comunicação para a educação

As atividades do projeto foram norteadas, principalmente, pelas idéias defendidas por Paulo Freire e Mario Kaplún. O primeiro, apesar de ter se dedicado à pedagogia, já iniciou as discussões do que viria a ser um trabalho de comunicação aliado à educação. Ele foi precursor na luta pelo diálogo como prática de ensino e na busca por uma sociedade mais igualitária.

O autor aponta que as massas populares estão submetidas à “cultura do silêncio”, especialmente através dos meios de comunicação de massa. Essa realidade opressora, em que as pessoas não podem manifestar suas opiniões e anseios, pode ser quebrada através da educação. “Quanto mais as massas populares desvelam a realidade objetiva e desafiadora sobre a qual eles devem incidir sua ação transformadora, tanto mais se inserem nela criticamente”. (FREIRE, 1985, p.42).

De acordo com Freire, o sujeito precisa se sentir parte do mundo a que pertence e não objeto dele. Diante deste pensamento, o autor defende a educação para a libertação como um ato de conhecimento e um método de ação transformadora que os indivíduos devem exercer sobre a realidade. “Quanto mais as massas populares desvelam a realidade objetiva e desafiadora sobre a qual eles devem incidir sua ação transformadora, tanto mais se inserem nela criticamente”. (FREIRE, 1985, p.42).

Freire defende que expressar-se é algo próprio do ser humano, “A educação, qualquer que seja o nível em que se dê, se fará tão mais verdadeira quanto mais estimule o desenvolvimento desta necessidade radical dos seres humanos, a de sua expressividade” (FREIRE, 1978, p.24).

As propostas de comunicação participativa de Mario Kaplún também serviram de reflexão para este projeto. Para o autor, não bastam que os setores populares tenham acesso a meios de comunicação para que a participação se torne uma realidade, na qual estes devem ser protagonistas do processo e não meramente espectadores. Os processos de educação e comunicação também devem servir para a mobilização de ações comunitárias e para isso aqueles que dela fazem parte não devem se sentir “lejanos y ajenos los mensajes que se le proponen sino que los sienta suyos, propios; que se reconozca en ellos” (KAPLÚN, 1998, P.80).



Kaplún discutiu, inclusive, o caráter formativo dos modelos de comunicação popular. Segundo ele, a abordagem temática deve interessar os participantes, mas também não pode se tornar imediatista, sem maiores projeções sociais e políticas, o que nos leva a pensar no método e nas atividades propostas pelas oficinas de impresso.

En resumen: querer ser “educativos” en abstracto no sirve; los grupos populares difícilmente estarán dispuestos a reunirse asiduamente sólo para comunicarse y reflexionar sobre su realidad. Pero reducir el contenido de un programa de comunicación participativa a lo meramente práctico e inmediato tampoco es fructífero: no hace que los grupos amplíen su visión y crezcan. Sin proceso formativo, sin formación de conciencia, no hay programa organizativo ni auténtico desarrollo social que pueda consolidarse. (KAPLÚN, 1984, p. 37-38)

A comunicação, mais do que um recurso tecnológico, é um componente pedagógico. À medida que membros de uma comunidade detêm a função de produzir um conteúdo que será veiculado e alcançará um número de receptores, estes, por sua vez, se dedicam a elaborá-lo com maior qualidade. Por estarem envolvidos no processo produtivo dos veículos de comunicação, estes novos emissores começam a ver com um olhar mais crítico aquilo que é produzido pela indústria massiva.

O método de leitura crítica, para Kaplún, propõe um receptor ativo e crítico diante dos conteúdos veiculados pelos meios de comunicação de massa. Contudo, o acesso à informação não garante que as pessoas sejam mais ativas no processo.

La criticidad es algo que no se puede enseñar ni aprender, que no si puede transmitir ni transferir como se transfere un teorema de matemática una fórmula química. La capacidad crítica no se recibe de otro: se ejercita. Debe ser un proceso de auto-descubrimiento. No basta exponer una información y una explicación para que el destinatario los haga suyas y las incorpore” (KAPLÚN apud BORTOLIEIRO, 2006).

A discussão da Educomunicação ainda é muito recente, mas já conseguimos identificar nas propostas de Freire e Kaplún a importância do trabalho em parceria das áreas de comunicação e educação. Para refletir sobre o tema e sua utilização como instrumento para a promoção da cidadania dos jovens, partimos da definição do termo. De acordo com Soares, coordenador do NCE (Núcleo de Comunicação e Educação) da ECA/USP, a Educomunicação define-se como um conjunto das ações destinadas a integrar o estudo sistemático dos mecanismos de comunicação às práticas educativas, observar como os meios de comunicação agem na sociedade e buscar formas de colaborar com os alunos para conviverem com eles de forma positiva, sem se deixarem



manipular; criar e fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos e melhorar o coeficiente expressivo e comunicativo das ações educativas.

A possibilidade de ação transformadora e de inserção na sociedade como sujeito autônomo e consciente constitui o alcance pleno do exercício da cidadania, entendida aqui de forma complexa que ultrapassa a atuação política, como é localizada pela concepção clássica. Como Peruzzo salienta, existem algumas noções fundamentais para o entendimento da cidadania:

Primeiro: o cidadão tem direitos e deveres. A participação política, a responsabilidade pelo conjunto da coletividade, o cumprimento das normas de interesse público, são deveres, por exemplo. Segundo: cidadania é histórica. Varia no tempo e no espaço, varia conforme o período histórico e o contexto vivido. Portanto, cabe sempre perguntar quem pode exercer plenamente a cidadania. Terceiro: cidadania é sempre uma conquista do povo. A ampliação dos direitos de cidadania depende da “capacidade política” dos cidadãos, da qualidade participativa desenvolvida. Quarto: as formas de participação decorrem do tipo de sociedade política em que se vive. Quinto: cidadania não se encerra nas suas dimensões de liberdade individual e participação política, mas inclui os direitos sociais e coletivos. (PERUZZO, 2002: 5)

No processo de compreensão da sociedade, passamos, entre outras coisas, pelo entendimento do papel dos meios de comunicação na configuração vigente. Por isso a Educomunicação se coloca como trabalho imprescindível para a transformação dos indivíduos, na medida em que pauta a urgência de uma educação complexa, dialógica e consoante com a realidade e os instrumentos disponíveis nesse contexto; e a promoção do acesso democrático dos cidadãos à produção e difusão da informação. Criar e desenvolver análise crítica através de reflexões e ações; identificar como o mundo é editado pelos meios e possibilitar o uso criativo dos meios de comunicação e uma expressão comunicativa também são ações da Educomunicação.

O planejamento das oficinas de jornal

No segundo semestre de 2008 a turma de meninos e meninas participantes do projeto Comunicação para a Cidadania era de 16 ao total. O bairro atendido o ano passado foi o Santa Cândida, zona leste de Juiz de Fora, os (as) adolescentes tinham entre 14 e 17 anos e cursavam da quinta à nova série da Escola Municipal Santa Cândida. No final dos três meses de encontro, apenas sete jovens permaneceram no projeto. A maioria desistiu de frequentar as oficinas em função da necessidade de



ingresso no mercado de trabalho e por adesão a outros programas que disponibilizavam bolsa auxílio, visto que em 2008 eles (as) recebiam o auxílio do vale-transporte e lanche, diferente da turma atual que conta com bolsa mensal de R\$ 100 .

Diante de alguns impasses vividos com a turma do bairro Santa Cândida optamos por organizar um planejamento diferente para a turma atual. Ao todo era preciso planejar 12 encontros, o que totalizava três meses de oficina. Os 30 jovens selecionados este ano foram divididos em duas turmas de 15. Cada turma com adolescentes dos dois bairros juntos, o que foi planejado para que haja entrosamento entre eles (as), visto que os bairros São Pedro e Dom Bosco são considerados rivais em Juiz de Fora. As oficinas também foram divididas entre as duas turmas. Por exemplo: no primeiro horário de oficina da terça-feira, a turma A participa de sócio-educativo enquanto a turma B de TV. No segundo horário desse mesmo dia, a turma A participa de rádio e a B de sócio-educativo. As oficinas de jornal são no segundo horário de quinta e nestes primeiros três meses, de junho a setembro, quem frequenta é a turma B, enquanto a turma A participa da oficina de novas tecnologias.

As experiências anteriores nos fizeram perceber que era preciso pensar atividades em que os (as) adolescentes tivessem autonomia e se sentissem à vontade para opinar e discutir os mais diversos temas. Notamos a partir da turma de 2008 que era preciso ampliar o conteúdo prático das oficinas. Os (as) adolescentes queriam produzir, ver no papel todas as discussões que já havíamos levantado com eles (as), como: gravidez na adolescência, questão de gênero, corrupção na política, homossexualidade. Instigar a discussão em sala é importante para o andamento das oficinas, mas assim como aponta Kaplún é preciso que estes assuntos estejam próximos da realidade deles (as) e acima de tudo, que eles (as) possam desenvolver atividades, praticar em cima dos debates.

Un sistema de comunicación podrá pues, considerarse realmente participativo si provee mecanismos y canales que permitan a los grupos de base participantes determinar con independencia los contenidos temáticos del programa y generar sus propios mensajes; si hace posible que los sectores populares hablen de lo que ellos mismos quieren hablar. (KAPLÚN, 1984, p.82)

Diante disso, reduzimos o conteúdo teórico das oficinas de jornal e ampliamos o prático. As atividades que deram certo no ano passado foram aplicadas com a nova turma, mas outras que não haviam sido feitas foram criadas para ampliar o conteúdo



considerado falho em 2008; como foi o caso da atividade de entrevista coletiva com um profissional que trabalha em jornal impresso diário, criada esse ano.

Já no primeiro encontro com os (as) adolescentes dos bairros São Pedro e Dom Bosco percebemos bastantes diferenças da turma anterior. Eles (as) são mais velhos, a maioria já está no 2º ano do ensino médio, com idade entre 16 e 19 anos. Alguns têm inclusive a intenção de continuar estudando após concluir o ensino médio, o que era diferente na outra turma. Eles (as) são participativos, opinativos e atentos. O que nos fez perceber a necessidade de expandir as discussões sobre novos temas não debatidos anteriormente. As discussões em sala precisavam ganhar força porque eles (as) gostavam de conhecer o novo, o diferente. O desafio maior nessa turma assim como na outra, é instigar neles (as) o gosto pela leitura, pois a maioria afirma não gostar de ler. Apenas alguns têm contato com jornais impresso ou revistas, a maioria se informa pela Internet.

Atividades iniciais para a prática da leitura crítica dos meios

Neste artigo, descrevemos as oficinas realizadas até o momento para que possamos debater o papel da Educomunicação na vida de jovens da periferia. Além de refletir sobre o que foi feito, pretendemos apresentar observações do decorrer das atividades, a fim de servir como exemplo para aqueles que venham a iniciar trabalhos em Educomunicação.

No primeiro encontro com os jovens, foi realizada uma atividade com o objetivo de conhecê-los de uma forma mais descontraída. Dividimos a turma em duplas e pedimos que cada um fizesse uma entrevista com o colega, com perguntas diferentes sobre música, lazer, namoro, escola, etc. Assim, queríamos que eles se conhecessem e descobrissem interesses em comum. Depois da entrevista, cada um apresentou o colega de acordo com as perguntas que foram feitas e assim a turma inteira se conheceu melhor. Partimos da idéia de Paulo Freire de que o educando deve ser tratado como um ser humano que carrega um repertório próprio e com um histórico social. Nesse sentido, o autor defende que os educadores devem conhecer bem seus alunos, bem como a realidade onde estes estão inseridos, sem qualquer tipo de discriminação. Se tratando de uma turma com alunos de bairros com histórico de rivalidade entre jovens, esse momento também foi interessante para quebrar a barreira que talvez pudesse existir entre eles.



Também segundo Freire, quando um compreende o outro, o processo educacional, na maioria dos casos, se torna mais interessante. A educação não é um processo acabado, e sim algo mutável que tende a se adequar e transformar de acordo com a visão daquele que o compreende. Freire aborda a necessidade de respeito à autonomia do aluno, ao passo que muitos professores se acham em sala de aula como donos da verdade. Nessa atividade, também conseguimos identificar assuntos que fazem parte do interesse dos jovens, como o pagode, o hip hop, as festas e as dúvidas sobre o futuro – muitos disseram que não sabem se querem cursar uma faculdade e outros já falaram sobre os sonhos que têm, como já começar a trabalhar antes de terminar os estudos. Conhecendo a turma, será possível adequar as atividades de acordo com o perfil e interesse de todos.

Em um segundo momento do primeiro encontro, colocamos no centro da roda em que estávamos diversas publicações impressas. Levamos revistas e jornais diferentes para que eles pudessem conhecer e pensar a respeito das possibilidades de se trabalhar com o veículo. Demos um tempo para que todos pudessem observar o material, olhando as capas, chamadas e os temas de cada um. Destacamos nosso cuidado em disponibilizar revistas e jornais bem diversificados: revistas de adolescente, jornais de grande circulação como O Globo e Folha de São Paulo, jornais locais como Tribuna de Minas e JF Hoje, revistas em quadrinho, revistas femininas como Criativa, Gloss e Marie Claire, revistas sobre carro, sobre música como a Rolling Stone e outras revistas como Caros Amigos, Carta Capital, Fórum, Veja e Super Interessante – em um próximo encontro pretendemos mostrar as possibilidades de veículos alternativos. Entretanto, também tivemos a atenção de escolher edições com matérias ou capas que pudessem gerar alguma discussão ou reflexão sobre algum assunto pertinente aos objetivos da oficina.

Assim que todos puderam ver o material, pedimos que cada um escolhesse um e demos um tempo para que folheassem e lesse alguma matéria que tivesse chamado atenção. Alguns comentários chamaram a atenção, como o da aluna que escolheu a revista Gloss que tinha a atriz Thais Araújo na capa – ela comentou sobre a questão da atriz ser negra e ter conquistado seu espaço nas telenovelas. Outro aluno escolheu a revista Veja com o presidente eleito nos Estados Unidos, Barack Obama. Ele comentou questões relacionadas à política norte-americana, como as propostas e a forma com que o candidato superou as expectativas do mundo. Alguns jovens demonstram mais interesse que os outros e leram as matérias, enquanto uns terminaram a atividade



rapidamente. Um dos alunos havia escolhido uma revista de carros, mas disse que se decepcionou com o conteúdo que era superficial. Também nos chamou a atenção o aluno que escolheu a revista Fórum com a manchete “A mídia brasileira nunca foi tão corrupta”. O jovem levantou questões sobre a manipulação da informação e o poder por trás da mídia. Pelo o que pudemos perceber, os participantes da oficina já demonstram ter um olhar atento para algumas questões que serão trabalhadas ao longo das atividades.

O exercício proposto, por outro lado, também foi uma forma de levar revistas que pudessem chamar a atenção daqueles que não se interessam por leitura. Muitos disseram que não gostam de ler jornal porque nenhum trata de assuntos “legais” ou que “são do nosso interesse”, como também disseram “jornal só fala de política e de economia”. Nessa hora, aproveitamos para questionar “mas o que está no jornal não nos interessa? a política não influi na nossa vida?”. Como já dizia Paulo Freire, não pretendemos dar respostas nem direcionar as questões, por isso as problematizamos e debatemos um pouco com eles. Mas ao mesmo tempo, os participantes gostaram de atividade e muitos pediram para levar as revistas para casa para que pudessem ler com mais calma.

Como o principal objetivo da oficina é produzir algum veículo com matérias feitas pelos jovens, no segundo encontro começamos com atividades para orientá-los sobre a prática do jornalista. Distribuímos um material preparado com dicas de entrevista e situações “saia justa” em que o jornalista pode se deparar na etapa de apuração. Pedimos que eles lessem em voz alta e comentamos cada tópico. O material foi feito com uma linguagem informal e todos se interessaram pelos exemplos que foram dados. Ao final da atividade, perguntamos “quem vocês gostariam de entrevistar algum dia?”. Muitos responderam, até os mais tímidos levantaram nomes. O propósito da atividade era mostrar uma etapa importante para a produção de uma matéria e incentivá-los com exemplos diferentes, desde os mais engraçados aos mais delicados.

Depois dessa atividade, realizamos uma pequena encenação de uma situação comum. Representamos duas mulheres que estavam andando e se chocaram. Na cena, uma estava ao celular e se estressou com o que aconteceu, já que os objetos que levava caíram e a outra ficou mais quieta, aparentemente sem saber o que fazer. Depois disso, pedimos para que cada um escrevesse em um parágrafo o que tinham acabado de ver. Assim que todos terminaram, cada um leu o que tinha escrito. Nessa etapa, observamos junto com eles como uma mesma situação pode ser descrita de diferentes formas.



Muitos apontaram uma das mulheres como a culpada e a chamaram de “mal educada”, “patricinha”, etc. Poucos disseram que a outra “não pediu desculpas” ou “não olhava para onde andava”. Independente do que cada um tenha apontado, começamos a discutir com eles a prática do jornalismo e em que medida um mesmo fato pode ser interpretado de tantas maneiras. Para encerrar a atividade, dissemos que cada uma tinha o direito de ser ouvida e, como jornalistas, independente do que achamos da cena, precisávamos considerar a versão de cada uma. Então, foi realizada uma última encenação em que eles perguntaram para as duas sobre o fato. A atividade teve a intenção de levantar o debate sobre a atividade do jornalista de forma lúdica e engraçada, muitos riram da encenação e também participaram das discussões.

Pensando na atividade da próxima semana, começamos a conversar com eles sobre quem gostariam de chamar para uma entrevista coletiva. Eles deram poucas sugestões e nós indagamos se existia alguém do bairro que gostariam de chamar, seja algum cantor ou liderança, mas nenhum nome foi apontado. Muitos falaram que gostariam de entrevistar um jornalista para saber mais da profissão. Nessa hora, o nome de uma repórter da TV local foi apontado, mas depois de discutir com a coordenadora do projeto, vimos que os jovens já se interessam muito pela TV e que deveríamos tentar chamar a atenção deles para o impresso, por isso chamamos uma jornalista de um jornal local.

Então, no terceiro encontro foi realizada a entrevista coletiva com a jornalista Fernanda Nalon. No primeiro momento, foi falado sobre os objetivos de uma entrevista coletiva e os jovens se dividiram para elaborar algumas perguntas – “qual é a maior dificuldade da sua profissão?”, “qual a sua opinião sobre a não obrigatoriedade do diploma de jornalista?”, “o que você acha que um jornalista precisa ter?”, “qual a reportagem mais interessante que você já fez?” e “qual mensagem, enquanto jornalista, você deixaria para nós?” foram algumas delas.

A jornalista respondeu que a maior dificuldade é que o jornalista às vezes tem seu trabalho cerceado por interesse políticos e econômicos. Como exemplo ela disse: “difícilmente vocês verão uma matéria de capa de um jornal mineiro falando mal no Aécio Neves”. Segundo Fernanda, um jornalista precisa ter, sobretudo, responsabilidade. Quanto à reportagem que mais gostou de fazer, ela respondeu que foi uma em que o jornal denunciou o abandono do Parque Halfeld. A jornalista considerou a matéria a mais interessante porque, através dela, o jornalismo teve efetivamente função social uma vez que, uma semana depois, segundo ela, o local estava em situação



bem melhor. Foi explicado que os adolescentes não precisavam ficar presos às questões que escreveram e eles conversaram mais com a jornalista.

Gostaríamos de destacar que os jovens, mesmo aqueles que não participam tanto, demonstraram bastante interesse. A entrevistada contribuiu para nosso objetivo, ao falar do outro lado da notícia com criticidade e ao destacar, reiteradas vezes, a guerra de interesses que existe nos meios de comunicação e que interfere no trabalho do jornalista. A jornalista passou seu e-mail e convidou todos a enviarem mais perguntas, sugestões de pauta e denúncias sobre problemas em seus bairros. Ao final do encontro, os adolescentes disseram que gostaram muito da entrevista e ainda falaram que o tempo foi pouco e que queriam fazer mais perguntas. Para o próximo encontro, planejamos dividi-los para que possam redigir matérias sobre a entrevista coletiva.

Conclusão

Os desafios em buscar uma educação problematizadora como propõe Paulo Freire são muitos e permanecem nas turmas de Comunicação para a Cidadania, mas a certeza de que a troca de experiência entre bolsistas universitários e os (as) adolescentes é muito maior que os impasses sofridos, nos faz buscar sempre novas alternativas para o melhor aproveitamento das oficinas.

Não basta planejar o conteúdo dos encontros e torná-lo estático, imóvel, porque os (as) adolescentes são diferentes a cada turma, o perfil muda, as demandas também e assim como as discussões em sala. O que é preciso estar sempre em mente é que o processo de aprendizagem que vivenciamos com os (as) adolescentes precisa ser mútuo. Eles (as) aprendem conosco e vice-versa. O conteúdo não deve ser ditado como regra, mas sim debatido.

A importância da educomunicação reside exatamente no poder de transformação. Assim como os atendidos e atendidas do projeto passam a utilizar de forma mais consciente seu senso crítico no momento que entendem o processo de produção de notícias, outros jovens e adultos também podem ter sua capacidade de problematização ampliada através da educação libertadora. Com isso, eles passam a entender melhor que a produção comunicacional é, em sua grande parte, um processo de escolhas, mesmo que muitas vezes veladas como reforça Kaplún. E é a partir daí que eles (as) encontram mais facilidade para ver que não existe uma única verdade e que as informações devem ser contestadas e refletidas antes de serem assimiladas.



Essas meninas e esses meninos, que passam a compreender melhor como a mídia apresenta os fatos à sociedade, podem ser mais capazes de realizar na comunidade em que estão inseridos uma comunicação efetiva que busque explorar, não apenas os problemas, mas também a cultura e o que existe de bom onde vivem. Tais pessoas passam a ser vistas como agentes sociais de transformação e, conseguem se organizar de forma concreta na busca de melhorias sociais.

Atrelado a isso, percebemos também que nenhuma discussão com os (as) jovens deve ser encerrada sem problematização. É preciso problematizar as discussões em sala e nunca deixar passar despercebido um ponto que gere polêmica ou dúvida entre os (as) adolescentes. O papel do Educomunicador deve ser cuidadoso. A comunicação deve se tornar mais do que um mero instrumento tecnológico, para ser um espaço democrático em que educandos e educadores constroem o conhecimento e percebem a realidade a ser transformada. A teoria proposta por Freire e Kaplún deve ser pauta cotidiana destes profissionais, para que não cometam o erro da acomodação e façam da educação uma oportunidade para o desenvolvimento social.

Apesar dos resultados alcançados em turmas anteriores, observados e demonstrados pelo interesse e postura dos jovens e das jovens, o projeto “Comunicação para a Cidadania: tecnologia, identidades e ação comunitária” deve ser revisto constantemente. A cada turma os esforços devem continuar, demonstrando que a universidade pode ser centro de ações com vistas à inclusão social e à democratização da comunicação.

Referências

BORTOLIERO, Simone. Kaplún, educador. Biografia de um visionário. In: MELO, José Marques e outros (org). *Educomídia: alavanca da cidadania*. São Bernardo do Campo: Editora da Universidade Metodista de São Paulo, 2006. p 83 -88

FREIRE, PAULO. *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 2007

_____. *Pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1985

_____. *Comunicação ou Extensão*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975



_____. *Ação Cultural para a Liberdade e outros escritos*. São Paulo: Paz e Terra, 1984

GOMES, Ana Luisa Zaniboni.. *A Lei de Diretrizes e Bases e o Campo da Educomunicação*. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Rio de Janeiro, Intercom 2005.

KAPLÚN, Mario. *Una pedagogía de la comunicación*. Madri, Ediciones de la Torre, 1998.

_____. *Comunicación entre grupos – El método del cassette-foro*. Bogotá, Colômbia, Centro Internacional de Investigaciones para el Desarrollo, 1984.

LAHNI, Cláudia Regina; HALLACK, Laila Cupertino; AGOSTINI, Ludyane Chaves; REZENDE, Raquel Lara. Projeto Comunicação para Cidadania entre Sons e Palavras: Reflexões a partir das Oficinas de Jornal e Rádio. In: XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste – Comunicação, Educação e Cultura na Era Digital, 2009, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: 2009. 1 CD-ROM.

PERUZZO, Cicilia M.Krohling. *Comunicação comunitária e educação para a cidadania*. Publicado na revista PCLA – V. 4 – n. 1, out. / nov. / dez. 2002.